

A longa viagem de Correa à Idade Média

ENIO SQUEFF

O nome de Alexandre Correa não chega a ser muito conhecido: está aposentado há anos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, onde lecionou Direito Romano. Sua maior façanha — a tradução da "Suma Teológica", de São Tomás de Aquino (pronta para sair em terceira edição pela Sulina de Porto Alegre), igualmente não chega a entusiasmar as massas: o tomismo já não é a base filosófica da totalidade dos meios eclesiásticos. Os poucos que sabem de São Tomás — mesmo na Igreja — tem-no como um exegeta medieval que passou a vida escrevendo. Mas se erudição a serviço de uma causa tem algum sentido, e se a literatura clássica tem uma razão de ser na transformação de um indivíduo, o professor Alexandre Correa está com seu lugar garantido na história da inteligência brasileira.

Só a façanha da tradução da "Suma" valeria como título inestimável. A obra em sua versão brasileira tem 10 volumes com mais de 500 páginas por livro. Para traduzir o pensamento de um dos maiores pensadores ocidentais (este título nem mesmo os ateus negam a São Tomás), o professor Alexandre Correa precisou de 12 anos, durante os quais diariamente vertia de três a quatro páginas da obra do filósofo da Igreja. Isso já é considerado um fenômeno. Segundo os maiores exegetas de São Tomás, a "Suma Teológica" com seus 3.113 artigos — reflexões de caráter filosófico escritas em latim medieval — constituem barreira intransponível mesmo para leitores experimentados. Calcula um especialista que se uma pessoa se dedicasse a ler um único artigo da "Suma" por dia, levaria no mínimo oito anos para chegar ao fim da obra. O professor Alexandre Correa, hoje com 91 anos de idade, teve um desempenho espantoso: quanto mais não seja que, em seus 12 anos de tradução da "Suma", ainda encontrava tempo para lecionar, traduzir outras obras e ler praticamente tudo o que o resto dos mortais aprecia.

Não se trata apenas de uma façanha intelectual, evidentemente. O professor Alexandre Correa parece encarnar o ideal de erudição que se alimenta da própria paixão de quem quer saber sempre mais. Aos 24 anos, recém-formado em filosofia pela Universidade de Lovaina, ele já sabia grego o suficiente para ler a "Odisséia" de Homero no original. Por que a "Odisséia"?

"Por que ela me transportava para um mundo de sonhos — diz — e porque a "Ilíada" só falava de guerra, um tema que não me atraía muito."

A questão da guerra seria de fato um trauma para o professor. Em 1914, por exemplo, o jovem filósofo está em Lurdes, próximo da fronteira belga. Um dia teve falar sobre o assassinato de um príncipe



Ele traduziu a "Suma Teológica".

em Serajevo, cidadezinha obscura da Sérvia. O jovem que sabe das tensões internacionais teme pelo pior e consulta alguns amigos franceses. Eles o tranquilizam: não será por um incidente menor que a guerra irá eclodir. O professor se acalma, mas dias depois a Bélgica é invadida e Lovaina bombardeada.

"Os alemães trataram uma das cidades mais cultas da Europa como verdadeiros bárbaros — lembra o professor. Tenho ainda as fotografias de Lovaina completamente em ruínas."

Por isso, daí em diante, Alexandre Correa cuidará apenas da paixão de sua existência: a leitura dos gregos e dos romanos antigos, passando por tudo que o atraísse, fosse em que língua fosse:

"Tácito é difícilimo de se ler — diz. — Só quem conhece muito bem latim pode entendê-lo. Por exemplo, ele escreve o senado não queriam quando quer se referir não ao senado, mas aos senadores romanos. Tácito tinha o dom de abreviar tudo. Foi o que anotou Lacordaire quando disse: "Deus, que sabe mais do que Tácito abreviar as coisas..." Quanto a Aristóteles e Platão prefiro este. Embora grande pensador, Platão é extremamente poético. Mas dos gregos o mais difícil é Teófilo de

latim de Santo Agostinho é belo: ele sempre procurou imitar o orador romano Cícero..."

Mas é São Tomás? O professor Alexandre já o conhecia de suas leituras costumeiras. Desde que se iniciou nos clássicos (ou não) de Dante, a Camões, Goethe, Fagundes Varela, Machado de Assis, Antero de Quental, Bocage, Shakespeare, passando por todo o resto imaginável, o nome do monge beneditino — que em apenas 46 anos de vida (1227-1273) produziu uma obra comparável à dos maiores filósofos do Ocidente — foi sempre um de seus preferidos; mas apenas enquanto leitura. Isso até o dia em que o professor Leonardo Van Acker intimou-o: "Está na hora de você começar a traduzir a Suma Teológica." Alexandre Correa lembra-se de que, no início, tentou argumentar que São Tomás era problema para uma equipe, não para uma única pessoa. Não adiantou.

"Durante os 12 anos em que me dediquei à Suma Teológica — diz — não deixei nenhum dia de traduzir de três a quatro páginas. Nem mesmo enquanto estava em viagem."

Uma vez feito o trabalho, porém, viria a questão previsível da edição da obra: quem se arriscaria a um título difícil e de proporções inimagináveis? A solução lhe chegou em 1956, quando a "Sedes Sapientiae" financiaria os primeiros mil exemplares, em 30 volumes, esgotada surpreendentemente em pouco mais de dois anos. A seguir viria a edição da "Sulina", de Porto Alegre, que igualmente obteve sucesso. A editora resumiu a obra em 10 volumes, aumentando a tiragem para duas mil coleções. Aparentemente um risco, mas já não há quase mais exemplares à venda. São Tomás de Aquino, guardadas as devidas proporções, é um best-seller.

Claro, em tudo isso, o erudito Alexandre Correa vê apenas uma contribuição parcial à cultura brasileira. Em sua biblioteca de 31 mil volumes, com seus 91 anos extremamente lúcidos, ainda encontra tempo para reler os clássicos portugueses como Eça de Queirós ("não gosto muito; um pouco licencioso demais para o meu gosto"); Ramalho Ortigão ("o maior de sua geração"); Bernardes ("o maior prosador da língua portuguesa"), ou Goethe ("sei o alemão o suficiente para lê-lo — mas é um escritor difícil").

Quanto ao mais, a discussão literária tanto pode girar em torno dos clássicos quanto dos poetas simples como Fagundes Varela, cujo "Vagalume" ele gosta de ler pausado para as visitas; ou então o sempre lembrado São Tomás de Aquino "que apesar de sábio, era um homem simples e bom. Contasse que certa vez..."

E, o professor Alexandre, sem saber que imita um pouco o trabalho do intelectual da Idade Média, vai desafiando o que poucos mundos conhecem.

HUMOR

•• Dirceu •••

Quando

O

muo

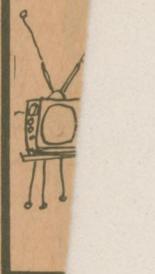
•••••

Laerte

♪

t

•••••



★★

Sr.

Sou

Ser

seq

de

★

S

O

r

s

e